

## MENSAGEM DO GM

S.:G.:C.:DO SUPREMO CONSELHO DA G.:L.:T.:P.:  
M.:R.:P.:G.:M.:  
M.:R.:V.:G.:M.:  
RR.:GG.:OO.:  
VV.:MM.:  
MEUS II.: EM TODOS OS VOSSOS GRAUS E QUALIDADES  
CC.PP.  
ILUSTRES CONVIDADOS

Na impossibilidade de estar fisicamente presente nesta **Assembleia de Grande Loja**, não poderei deixar de vos dirigir umas breves palavras e dizer-vos que estarei, em espírito, unido a todos vós.

Gostaria de começar por manifestar a todos, sem excepção, a minha profunda gratidão pelas inúmeras e fraternas manifestações de preocupação pelo meu bem-estar, bem como as diversas evocações em Cadeia de União pelo meu rápido restabelecimento.

Certamente, que a forma como tem evoluído a minha recuperação, em muito, ficou a dever-se a esse círculo de solidariedade e fraternidade que todos os II.: generosamente souberam criar e manter durante este período.

Também não poderei deixar de assinalar o trabalho que vem sendo realizado, com empenhado e dedicação, pelos RR.:GG.:OO.:, pelas luzes das Lojas, pelos demais ofícios dos respectivos quadros e por todos os restantes obreiros, bem como pelos II.: que exercem as suas funções nos diferentes Atriuns.

Vivemos tempos difíceis, onde por vezes não é fácil mantermo-nos fiéis aos nossos princípios e continuarmos a lutar por aquilo em que verdadeiramente acreditamos. Tenho esperança que vamos encontrar formas de reforçar entre todos os laços de solidariedade e fraternidade que nos unem, para podermos estar ainda mais próximos dos que vierem a ficar seriamente afectados pelas actuais circunstâncias.

Meus II.: em todos os vossos graus e qualidades!

Desejaria agora referir três aspectos que devem requerer nos próximos tempos a nossa particular atenção e empenho.

O primeiro diz respeito aos pagamentos atempados das quotizações.

Como sabeis a Grande Loja tem um conjunto de compromissos certos e inadiáveis que tem necessidade absoluta de satisfazer atempadamente, até porque, dada a sua natureza, não são justificáveis atrasos na sua liquidação. Deste modo, como certamente o nosso Grande Tesoureiro vos transmitiu, é desejável que todos os obreiros e conseqüentemente todas as Lojas cumpram atempadamente com as suas obrigações perante a Grande Loja.

Todos temos que nos sentir co-responsáveis e solidários perante este problema e, a melhor forma de o fazermos, é facilitar a tarefa dos II.º: a quem legitimamente incumbimos de cumprirem com esses deveres.

Estou certo, que doravante, uma vez que o apuramento das diferentes situações ficou concluído, irão ser encontradas soluções expeditas para resolver os problemas detectados e que, com a melhoria progressiva dos circuitos de comunicação interna e o envolvimento dos respectivos officas das Lojas, a situação será definitivamente resolvida.

A segunda questão que nos deve preocupar respeita à necessidade imperiosa que temos de crescer em sabedoria e em número.

A maçonaria como via de progresso moral e espiritual dos II.º: implica o estudo do seu esoterismo e da sua filosofia, com o objectivo de melhorar profundamente o carácter de cada obreiro e de fomentar um agir baseado na sabedoria e na fraternidade.

O aprofundamento do estudo do esoterismo e da filosofia maçónicas constituem pois a pedra de toque não só para uma nova compreensão do ser e da sociedade humana, mas também para nos impulsionar no agir mais apropriado às transformações sociais necessárias à construção de uma sociedade mais livre, mais igual e mais fraterna.

É precisamente por esta razão que só é possível ter uma abordagem coerente aos temas profanos, e delinear caminhos adequados de intervenção social, se possuímos uma sólida cultura maçónica. De outra forma, não passaremos de meros profanos que tratamos das mais variadas questões e problemas de forma profana.

Simultaneamente necessitamos de crescer em número quer para termos uma dimensão crítica que nos permita alargar a nossa intervenção social com sucesso, quer para atingir uma patamar de equilíbrio financeiro, preocupação que

certamente vos foi transmitida pelo nosso I.: Grande Tesoureiro na sua apresentação do Orçamento para este ano maçónico e que constitui uma preocupação não só minha, mas de muitos outros II.: da GLTP.

Neste aspecto particular forçoso se torna falar também na capacidade das Lojas para reterem os II.:.

Nesse sentido, quando um I.: abandona o nosso convívio e não o faz por razões objectivas e impeditivas da sua continuidade, devemos sempre fazer uma ampla reflexão e um esforço adicional para o mantermos no seio da nossa Jurisdição, avaliando da justeza das razões invocadas pois elas podem abrir caminhos de melhoria ao nosso próprio desempenho ou permitir a possibilidade de o mantermos entre nós, através de uma mudança para outra Loja ou da configuração de uma solução adequada e exequível ao seu problema. Algumas destas experiências já ocorreram no passado produzido bons resultados.

É que temos de ter presente que, na nossa Grande Loja, procuramos criar entre todos laços fortes de fraternidade, pelo que muitas vezes quando algum dos II.:, por decisão própria, abandona a GLTP, apesar de respeitarmos a sua decisão, ficamos todos mais pobres e alguns dos outros II.: sofrem particularmente com a sua ausência.

A terceira questão que gostaria de vos referir respeita ao esforço que a GLTP está a fazer no domínio das relações internacionais.

Para muitos II.: esta questão pode ser de somenos importância, mas se desejamos criar uma Grande Loja com maior dinamismo e participação no contexto internacional, forçoso se torna cooperar mais activamente com Jurisdições ou Ordens de outros países que pugnam por objectivos similares aos nossos e com quem minimamente nos identificamos.

Paraphraseando Kottler direi que existem três tipos de organizações: “as que fazem as coisas acontecer, as que vêem as coisas a acontecer e as que não fazem ideia do que está a acontecer”.

Privarmos a GLTP das suas actividades no domínio das relações internacionais, arrastar-nos-ia inevitavelmente para o último grupo, pois sermos internacionalmente reconhecidos e estreitar vínculos com II.: de outros países e continentes não só nos vai permitir obter informações privilegiadas e influenciar decisões, mas também estabelecer laços que podem por vezes ser muito úteis

sobretudo para os nossos obreiros que efectuam deslocações ao estrangeiro ou realizam trabalhos internacionais.

São pontes indispensáveis ao nosso próprio desenvolvimento, pois o alargamento dos nossos horizontes também nos irá permitir estabelecer comparações externas de desempenho favoráveis à nossa organização, quanto ao modo como nos organizamos ou à forma como desenvolvemos as nossas actividades maçónicas o que nos permitirá fazer aquilo que, na gíria empresarial, se denomina por *benchmarking*.

O Supremo Concelho da GLTP terá, em particular, nesta matéria um papel relevante.

Meus II.: em todos os vossos graus e qualidades!

Não posso por fim deixar de partilhar convosco uma pequena reflexão que fiz durante a minha dolorosa experiência recente. E é com redobrada alegria que o faço pois entre nós maçons este sentido de partilha, mesmo de coisas íntimas e pessoais, constitui sempre uma demonstração inequívoca de fraternidade.

Como os meus II.: sabem fui recentemente sujeito a uma delicada intervenção cirúrgica, tendo sido a primeira vez que passei por tal experiência, e confesso que vivi alguns momentos de prévia ansiedade, pois para além dos múltiplos riscos inerentes à operação, o meu organismo possui uma baixa tolerância a medicamentos tomados por via oral. Ignorava, por exemplo, como iria reagir à anestesia.

Contudo, usei sempre contrapor a esses pensamentos negativos um sentido de esperança quer no G.:A.:d.:U.:, em cuja ajuda eu confio e na grande Cadeia de União que os meus II.: tinham estabelecido à minha volta, quer também nos critérios de competência que tinham presidido à escolha da equipa médica e ao próprio estabelecimento de saúde.

Posso dizer-vos que em muitos momentos da nossa vida é necessário uma grande força de vontade para combatermos o pessimismo que se apodera de nós, pois quando ele se instala não só gera receios excessivos, como também suscita uma espiral de negativismo que determina uma assinalável quebra do nosso equilíbrio emocional e conseqüentemente da nossa capacidade de pensar e agir

racionalmente, produzindo uma distorção da realidade por nós percebida. É uma espiral perigosa que só será travada quando o pessimismo der lugar à racionalidade e à esperança.

Nós, os maçons, temos de ter esta postura no desenrolar da nossa vida e devemos estar atentos nas Lojas a esta problemática, pois os tempos em que vivemos podem desencadear facilmente ciclos de desesperança para alguns dos II.:. Temos de desenvolver a nossa capacidade para saber ouvir, a sabedoria para compreender e a força para induzir racionalidade e infundir esperança.

Meus II.:. em todos os vossos graus e qualidades!

Ultrapassada esta fase e após a bem sucedida intervenção, teve lugar um período crítico de recuperação inicial. Neste período, para além das dores e incómodos sentidos, vivi um sentimento de reaprendizagem das coisas básicas da vida que, por princípio, julgamos serem naturais e perenes quando delas quotidianamente usufruímos.

Assim, assisti à redescoberta da capacidade de me levantar sem ajuda, de andar sozinho, de ser autónomo para fazer a minha higiene pessoal, de comer e beber pela própria mão. Redescobri também o enorme prazer que é de tomar um duche quente, uma experiência que jamais esquecerei.

Tive também o grato prazer de ter bem junto de mim os familiares e amigos de longa data e os muitos II.:. que, das mais variadas maneiras, me fizeram sentir a sua fraternidade. Beneficie igualmente de privilegiados cuidados de higiene e saúde, por parte de muitos profissionais competentes, dedicados e de uma humanidade extrema.

Depois desta minha experiência e porque acredito que muitas histórias, muitas pessoas, muitas tristezas e muitas alegrias que pintam a tela da nossa existência não acontecem por acaso, mas que todas elas nos pretendem dar uma lição de vida, reflecti maduramente sobre tudo o que me tinha acontecido, até porque dispunha de tempo para o efeito, e cheguei à seguinte conclusão que gostaria de partilhar convosco.

Eu tinha pedido muitas vezes ao G.:A.:d.:U.: que me concedesse sabedoria e julgo que ele, com o seu Infinito Saber e profundo conhecimento da natureza

humana, me enviou uma provação para eu aprender a verdadeira escala de valores da vida. Sem esta dolorosa experiência eu jamais a teria apreendido.

Meus II.: em todos os vossos graus e qualidades!

Há algum tempo atrás o nosso I.: Luís Guapo apresentou na Loja Acácia uma notável Prancha sobre a Vara do Mestre Construtor e dizia ele a dado passo que “*Todas as medidas da Catedral estão contidas na Vara do Mestre-de-Obras*”, ou seja a Vara do Mestre-de-Obras era nem mais nem menos aquilo que hoje designamos em metrologia por “Padrão Primário”, isto é aquele a partir do qual todos os outros padrões secundários são aferidos, garantindo assim ao longo da cadeia hierarquizada de padrões um grau de incerteza aceitável que assegura a fiabilidade de todas as medições em obra. Nesta acepção, todas as outras varas utilizadas na obra pelos Companheiros seriam aferidas, por comparação, com a *Vara do Mestre-de-Obras*, pelo que em boa verdade poderemos concluir que “*Todas as medidas da Catedral estão contidas na Vara do Mestre-de-Obras*.”

Foi à volta deste simbolismo que eu construí a minha conclusão.

De facto, é legítimo supor que o G.:A.:d.:U.: deva também possuir, nessa sua excelsa qualidade, uma *Vara do Mestre*. Claro que será uma Vara muito especial e com medidas muito específicas.

Ora nós que queremos verdadeiramente ser mestres sábios, teremos inevitavelmente de ter a nossa Vara aferida pela Dele.

E é aqui que as coisas por vezes não batem certo. Muitas vezes a nossa vara utiliza outra escala de valores, o que não assegura a fiabilidade das nossas medições, ou seja dos nossos pensamentos, das nossas palavras ou acções.

Se não vejamos:

- Que valor tem para nós, quotidianamente, a nossa saúde?
- E o amor dos nossos familiares e a fraternidade dos II.: ?

Gostaria de vos dizer que o que eu aprendi, depois desta dura provação, é que se tivermos saúde que nos permita viver uma vida razoável e autónoma, se as relações com os nossos familiares e amigos próximos decorrerem de forma satisfatória e se tivermos o pão nosso de cada dia, cerca de 97% da nossa vida decorre com um elevado grau de satisfação.

**Jaime Henriques**

Então porque damos tanto valor aos outros 3%, ao ponto de muitas vezes vivermos angustiados e infelizes quando as três coisa que acabei de referir prosseguem bastante bem?

É porque não valorizamos devidamente o que temos e pensamos que o poder andar ou passear livremente ou a capacidade de tomar duche quente pela manhã são coisas tão naturais e perenes que as fazemos maquinalmente sem retirar disso qualquer alegria ou prazer.

O mesmo se passa quando estamos rodeados pelos nossos familiares ou amigos e damos valor a questões de circunstância.

Meus Il.: em todos os vossos graus e qualidades!

Se queremos ser felizes e fazer felizes os que nos rodeiam teremos de aferir a nossa vara pela Vara do Grande Mestre Construtor, o G.:A.:d.:U.:, e aprender com ele uma nova escala de valores que realce os pequenos, mas grandes momentos da nossa existência e os transforme em excelsos instantes de profunda e sã alegria.

Disse!

A Oriente de Lisboa, 15 de Outubro de 6011